



José Cardoso Pires

“Mein lieben Generala”

Entre dama de salão, turista de caridade e Joana d'Arc em “part-time”, não fazia senão sonhar com um Portugal de cruz e estandarte, indígenas agradecidos e legiões de marechais em altos cavalos de bronze.

Mas de repente veio o 25 de Abril. Dez ou doze capitães, se tanto, e a volta que o mundo deu!

ESTE ANO, no 10 de Junho que outrora era Dia da Raça no calendário dos patriotas, Menucha de Mattos Valdez abriu o Telejornal e deparou em pé de página com a notícia duns indefectíveis a vitoriarem a Guerra do Ultramar. Elegante mas senhora duma idade respeitável, pôs-se em sentido e gritou: “Jawohl!”

Menucha de Mattos Valdez, que nos seus tempos de madame imperial tinha sido musa-mater do Movimento Nacional Feminino, reconheceu entre os figurantes o general Kaúlza, estratega da comovente operação “Nó Górdio” que ainda hoje está por desatar. Havia outros exemplares espalhados pelo écran, mas nenhum brilhava como ele ao sol da História. Razão por que Menucha, viúva lépida de heróis perdidos, em passo atrás e meia-volta-volver, regressou à “belle époque” das batalhas africanas.

Para tal, recolheu a uma salinha íntima iluminada por uma fotografia do doutor Salazar e pôs-se a recordar generais. Generais de mistério, não os da vulgar constelação regulamentar, porque no seu figurino dos magníficos o supremo cabo-de-guerra era aquele que conjugava o mito e a tragédia numa lógica de “ultima ratio” contra a covardia da inteligência civil. O tal Kaúlza, por exemplo. Kaúlza, com o nó cego em que amarrara a guerra colonial, tornara-se um enigma para os historiadores e ganhara o carisma dos desesperados.

E Spínola? Spínola a cavalo (com o seu monóculo prussiano copiado dum Gruppenführer) era uma imagem majestosa da “Opereta dos Guerreiros”,

um general vencido premiado em marechal. Um mistério castrense, um mistério.

Menucha, esposa e mãe dum conselheiro do Professor Salazar, mulher de armas e coração romântico, tinha uma tal devoção pelos generais que obrigara o marido a marcar passo na Legião Portuguesa até lhe concederem a Grã-Cruz da Parada e do Atavio. Amava os pretinhos por amor a Cristo Senhor Nosso e levava-lhes caramelos sempre que ia de visita à guerra. Por estas e por outras sensibilidades é que ficou conhecida como Generala nas guerras festivas da Parada de Cascais. Entre dama de salão, turista de caridade e Joana d'Arc em “part-time”, não fazia senão sonhar com um Portugal de cruz e estandarte, indígenas agradecidos e legiões de marechais em altos cavalos de bronze.

Mas de repente veio o 25 de Abril. (O dia dos Capitães, não sei se me faço compreender. Dez ou doze capitães, se tanto, e a volta que o mundo deu!) Sim, veio aquele despautério e foi o Crepúsculo dos Generais, disse não tinha a menor dúvida a madona Mattos Valdez. Na salinha das meditações, adorcia muitas vezes a visionar um mundo de exércitos poderosos a serem destruídos por guerrilheiros populares na Coreia, Argélia, Cuba, Vietname — e de repente aparecia-lhe à meia luz um

anjo militar, de monóculo, sandálias e couraça romana.

Era um anjo demoníaco, um excomungador das virtudes castrenses infiltrado nas casernas. Em voz sofrida, piedosa, lamentava a incompetência dos generais da América Latrina como ditadores da miséria e lembrava o desprezo e a arrogância com que tratavam o povo desarmado e a cobardia, caso das Malvinas, com que fugiam dos que lhes apareciam em tu-cá, tu-lá, armas na mão. O corpo militar pode reduzir-se a uma força para uso interno? A um tributo do poder político para se manter na governação?, perguntava o anjo provocador. E as guerras? Quem comanda as guerras-espectáculo que nos chegam pelos canais da televisão?, perguntava ele.

Menucha, a Generala, ouvia em desespero este invasor dos seus sonhos militares e sacudia a cabeça, debatia-se. A toda a volta da sala pairavam cadáveres de guerreiros derrotados, pó suspenso, configurado em ecos de mártires de maldição. Por cima deles corria um fio de voz perdido: “Perinde ac cadaver, perinde ac cadaver”.

Apesar de menina de colégio de freiras, a Generala não sabia com certeza que aquilo era Santo Inácio a aconselhar a obediência passiva que todo o bom soldado de Cristo e da República deve observar. Mas não teve tempo de se interrogar porque, de repente, desfez-se o sonho e entrou na sala o último Almirante do Professor Salazar com uma pasta debaixo do braço.

Sentou-se à mesa em frente dela e começaram a jogar à batalha naval. ●